

# A BATALHA

Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL  
DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
Inclui o Suplemento semanal,  
Lisboa, mes. 90\$00; Província, 2 meses 20\$00;  
África Portuguesa, 6 meses 70\$00; Estrangeiro,  
6 meses 110\$00.

QUARTA-FEIRA, 24 DE DEZEMBRO DE 1924

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VI — N.º 1367

## UMA VERGONHA! Porque não se tornam os automóveis de praça um meio de locomoção acessível ao público?

Os «chauffeurs» defendem-se das acusações injuriosas que alguns jornais lhes moveram

Pelas respostas que temos recebido ao inquérito que a *Batalha* está fazendo, verifica-se esta coisa deplorable: o país está completamente abandonado! As mais elementares necessidades públicas são desatendidas, não se providenciando para que, mesmo para o futuro, elas sejam satisfeitas.

Não há estradas, não há escolas, não há intensidade de cultura agrícola, estando muitos terrenos em baldio, não há canalizações na maior parte das localidades, a iluminação é deficiente, quanto a abastecimento de gêneros de primeira necessidade em quasi todas as terras do país é coisa que não existe, a vida encara extraordinariamente, e tudo isto porque a República prefere gastar os dinheiros públicos com desperdícios em Angola, com o pão político que só teve vantagens para a Moagem que enriqueceu, com os Transportes Marítimos e sobretudo com o parasitarismo militar, que só é absorve uma verba tal que é uma vergonha a da instrução com ela comparada.

Os governantes, os parlamentos, os partidos políticos, enfim, é que tem a responsabilidade da triste situação em que todos nos encontramos. Não terá isto um dia fim?

Precisamente neste momento para acudir à crise pavorosa que o operariado está sofrendo não seria a ocasião para se realizarem todas essas obras de fomento e de conforto para as populações?

Fala-se em crise de trabalho. Não há tal crise de trabalho, desde que há tanto em que trabalhar. O que há, sobretudo, é uma crise de vergonha, o que há é um descaramento inaudito por parte dos que se têm dito os salvadores do país e não têm feito senão conservá-lo em estado de barbaria, sem melhoramentos materiais, sem requisito nenhum por que se possa afirmar que constituímos um país civilizado.

Pora resolver a crise económica do operariado pensou o actual ministro do trabalho numa comissão em que entrasse um operário e entrase um patrão. Isto quando já há muito o governo deve ter tido a convicção de que o problema não pode ser resolvido por conciliação com o patronato e que só medidas extremas e radicais o podem solucionar. Bem andou o operário convidado para dessa comissão fazer parte em a isso se recusar. O governo sabe bem a solução a adoptar e se a não adopta, pelo receio de cometer exagerados extremismos, que ao menos não procure disfarçar a sua falta de energia inventando comissões para estudo, para com elas dividir a responsabilidade de não fazer coisa nenhuma.

Simplesmente com obras e não apenas com palavras é que se ataca o magno problema.

## ALARES, COBEIRA e CEGONHAS

novamente em foco, por uma campanha odiosa

Após aquela entrevista que o dr. Góis concedeu ao *Diário de Lisboa* e à qual respondemos, repondo as coisas no seu lugar, notificaram alguns jornais da manhã seguinte, que o povo de Cegonhas massacraria gado do povo do Rosmaninhal.

Parece que este combate simultâneo a quella gente dos montes dos Alares, Cegonhas e Cobeira, foi agora combinado na sombra, a fim de criar atmosfera de simpatia aos supostos herdeiros daqueles terrenos, que pretendem desalojar das suas herdades povos que nelas se estabeleceram há mais de trezentos anos.

De mistura com essas notícias alarmantes, insinuava-se que os herdeiros eram os legítimos possuidores das terras, conforme constava de «documentos de propriedade que possuem». ora, como dissemos no nosso artigo publicado há dias, esses herdeiros não possuem nem «documentos seculares», nem «títulos de propriedade».

O *Diário de Lisboa*, de ontem, publicava um telegrama do dr. António Lobato Carriço, advogado dos povos, desmentindo a alegria de que os jornais nestes últimos dias se fazem eco. E do seguinte teor o referido telegrama:

«Em nome do povo das Cegonhas, informo serem absolutamente falsas últimas notícias publicadas, acusando os seus habitantes de mortícios de gados dos proprietários do Rosmaninhal. A sua ação tem-se limitado apenas a deitar fogo gados estranhos que invadem os seus terrenos e pastagens. De roubos de searas, de gados e de mortícios destes por degolamento e incêndio, só os moradores dos povos das Cegonhas, Alares e Cobeira têm sido vítimas por parte dos habitantes do Rosmaninhal, que agora, com falsas notícias, pretendem estabelecer a confusão e fazer acreditar que aqueles praticam crimes que só estes têm cometido.»

## Porque não se tornam os automóveis de praça um meio de locomoção acessível ao público?

Os «chauffeurs» defendem-se das acusações injuriosas que alguns jornais lhes moveram

Tem-se suscitado, ultimamente, nalguns jornais a acusação de que os «chauffeurs» de praça exploram as pessoas que se utilizam dos automóveis, levando-lhes quantias exageradíssimas. Esses jornais têm chegado ao extremo de insultar a classe dos «chauffeurs», sem que esta possua a mínima responsabilidade por que lhe é atribuído.

Não há «chauffeurs» que explorem frequentemente, pois não são eles os culpados da carestia e da disparidade dos preços de aluguer dos automóveis de praça.

Lá fóra, esses veículos são transportes ao alcance de quasi todas as bolsas, beneficiando assim o público dum meio rápido de locomoção. Se em Lisboa o mesmo não acontece a culpa não é dos «chauffeurs», pois que não sendo proprietários dos veículos que conduzem, têm que prestar contas, em conformidade com os preços estipulados pelos seus patrões. E são os «chauffeurs» que ficam numa situação moral deprimente perante o público devido a ele ignorar o que acima referimos.

Além da situação moral a que aludimos, os «chauffeurs» ainda atravessam uma deplorável situação económica, recebendo salários insuficientes. A maioria delas aferre mensalmente 300\$00 e 400\$00; apenas uma dezena ganha 500\$00 e alguns há que só têm de facto, como certo, o ridículo vencimento de 30\$00 mensais.

E esta é a situação dos que se encontram empregados. E os outros? os que há longos meses se encontram sem trabalho e que são em grande número? Essa crise de trabalho há que tanto tempo se vê arrastando, parece querer eternizar-se.

De modo que esta classe só terá a beneficiar-se os serviços de automóveis de praça tivesse uma organização de molde a garantir os interesses do público. A crise sólucionar-se-ia ou, pelo menos, seria muito attenuada se este meio de locomoção se implementasse.

E certo que existem actualmente muitos factores que impedem poderosamente o desenvolvimento e o barateamento dos serviços de automóveis de aluguer, como por exemplo: contribuições pesadas, licenças caríssimas, impostos disparatados e os pavimentos das ruas e estradas num estado péssimo. Aos proprietários dos automóveis cabem exclusivamente as culpas por nunca tarem, como deviam, as necessárias decisões que proporcionassem ao público um serviço de transportes rápido e a preços pouco elevados.

**Propõe-se a criação de uma tabela de preços regulada pela direção da cidade em zonas**

Os «chauffeurs» de praça reúniram em sessão magna, na sede do seu sindicato para apreciar os ataques que os jornais têm movido à classe e a crise de trabalho não existente.

A reunião esteve muito concorrida, tendo comparecido vários oradores que exporaram o procedimento dos jornais que não publicaram a contestação que às suas locais insidiosas enviou a comissão de defesa e melhoramentos do sindicato.

No final foi aprovada uma moção na qual se referem as considerações que acima fizemos, e que tem as conclusões que a seguir publicamos:

«1.º Tornar público a sua não responsabilidade nos preços por que actualmente a maioria dos automóveis de praça são alugados ao público;

2.º Manifestar o desejo de que esses preços sejam estabelecidos de forma a beneficiar o público;

3.º Que uma comissão composta de três «chauffeurs» de praça, eleitos por esta assembleia, fique agregada à comissão de defesa e melhoramentos, com o encargo de procurar os corpos gerentes da Associação dos Proprietários de Automóveis, reclamando-lhe uma regulamentação de serviços, dentro das seguintes bases: a) Uma tabela de preços, que poderá ser regulada pela divisão da cidade em zonas; b) Nenhum «chauffeur» poderá pedir quantia superior ao da tabela; c) Nenhum patrão poderá exigir ao «chauffeur», quantia superior ao determinado pela tabela; d) Haver uma comissão composta de proprietários e «chauffeurs», nomeados pelas respectivas Associações, com mandato revogável, que terá por missão inquirir esclarecidaamente quando se verificar qualquer dos factos apontados nas bases b) e c), quando provados, sendo referentes à base b) será o «chauffeur» despedido, sendo referente à base c) será publicado no imprensa, o nome, morada e número do carro do proprietário, sendo também dito imediatamente parte do sucedido às respectivas Associações; e) Só serão admitidos ao serviço de «chauffeur», «chauffeurs» associados; f) Os patrões ao admitirem ao seu serviço qualquer «chauffeur», participarão imediatamente à Associação dos «chauffeurs», fornecendo o nome, morada e número da licença, do mesmo; g) Estabelecimento de um ordenado mínimo de 600\$00 escudos.

4.º Logo que a comissão tenha concluído os seus trabalhos, de conta delas à assembleia magna dos «chauffeurs» de praça, que deverá ser convocada todas as vezes que julgar-se necessário;

5.º Depois de aprovada a organização de serviços fazer-se máxima publicidade da tabela a vigorar.

**Trabalhos por conta do Estado:**

1. Reparação e calcetamento das ruas e madras em todas as travessas, algumas de bastante trânsito.

2. Canalização de águas.

**Trabalhos agrícolas:**

1. Aproveitamento de terrenos incultos num total de 110 hectares, que cultivados como devem servir o produto para sustentação de centenas de pessoas.

2. Desbastos de azinheiras em algumas herdades, que devido à basteza prejudicam a seara, e não dá bolota, ocasionando a estas casses do carvão.

3. Obrigar os proprietários dos terrenos que não cultivam a deixá-los cultivar por intermédio da associação, isto achando este conselho técnico fácil porque já aqui foram propriedades vendidas por conta do Estado, quando eram as mesmas dum indivíduo que não era da feição do governo. Todos os trabalhos agrícolas podem ser feitos por intermédio do sindicato rural, quando o Estado fornecer os fundos necessários.

**Vale de Figueira (Concelho de Santarém)**

Do Vale de Figueira, concelho de Santa-

rém, escreve-nos Augusto Figueiredo, por

não haver naquela localidade qualquer orgânismo operário.

**Trabalhos por conta do Estado:**

1. Reparação e construção do ramal de estrada, da Igreja, passagem de nível do caminho de ferro, sítio da Juncaleira até Rio Dias, a ligar com a estrada de Alcavões (há pedra próximo).

2. Prolongamento da estrada que atra-  
vesa a localidade, desde o lagar do Antunes, até ao lagar do Quelhas, e que devia seguir campo abaixo a ligar com a Ribeira de Santarém.

3. Um ramal de estrada a ligar com Tôrre do Bispo passando da Fonte da Bica, pelo mato do Quinto e Quinta do Silva, cuja ligação não se tornava dispensável por terreno de mato, e se poder arrancar a pedra necessária, e ser de grande impor-  
tância para via de comunicação do caminho de ferro do vale de Figueira, das freguesias seguintes: Achete distante 3 quiló-  
metros, Arneiro, 9; Moçarria, 8; Pernes, 10; Tremor, 6; Verdelho, 6 e lugares circunvizinhos.

**Trabalhos por conta do município:**

1. Acabamento da Escola primária do sexo feminino que foi começada por subscrição pública, e há um ano paralisou, estando as paredes feitas apenas.

2. Finalizar o muro que deve circundar o Adro da Egreja, visto o povo querer ver resguardado do gado esse sítio que serve de Cemitério até 1879, pois também foi começado por subscrição pública e há mais de dois anos que paralisou.

3. Construção dum chafariz, bebedouro para gado e um tanque onde o povo possa lavar a roupa.

**Um congresso socialista na Índia**

LONDRES, 23—Está reunido na Índia um

congresso socialista sob a presidência de Gandhi. Dos dois mil congressistas que o compõem apenas onze se tem manifestado contra um movimento separatista.—L.

## O inquérito de A Batalha

### São em grande número as respostas que nos tem sido enviadas

**Trabalhos agrícolas:**

Há os seguintes terrenos que podem ser cultivados por meio de renda, fôro ou mesmo gratuitamente durante uns tantos anos: Quinta do Silva, Mato do Quinto, Mato do Quelhas e Casal Machado (ao rio das Fra-  
des).

**Crise de habitação:**

Terrenos para moradias com 8 metros de frente por 20 de fundo: Propriedade dos Arcos, As Cerradas, Folha da Eira, Folha do Estado, etc.

**São Domingos (São Tiago de Cacém)**

Em resposta ao nosso inquérito, recebemos mais esta resposta individual:

**Camaradas.** — Tendo acompanhado com atenção merecida o inquérito que o nosso querido jornal tem publicado, para obter as respostas necessárias, como nesta localidade não existe, infelizmente, organização operária, apresso-me a ilucidá-los sobre esse fato.

Está esta localidade distanciada da sede do concelho 18 quilómetros. A estrada que liga as duas povoações só tem (pouco mais ou menos) 11 quilómetros construídos a macadam, que têm sido feitos por diversas vezes em tempo de eleições; faltam portanto a construir 7 quilómetros até chegar a esta localidade, o que urge fazer-se, pois que este pedaço de estrada torna-se intransitável durante o inverno. É conveniente dizer que esta estrada é construída por conta do município e tem servido de especulações políticas. Há a fazer o trôco de estrada que liga esta localidade com a estação do caminho de ferro (em construção; ramal de Sines) e que há tempo está projectada. Há necessidade de reparação em todas as estradas que ligam esta localidade, pois estão todas em estado lastimável. A escola está a oferecer uma catástrofe, ameaçando desmoronar-se a todo o momento, não é do Estado de renda. Porque não manda o governo construir uma escola? Não tem o governo aqui o presbitério do pároco também presentes, a perder-se sem utilidade nenhuma? E porque é que o governo não entrega o passal pertencente ao mesmo presbitério, à junta de paróquia para esta afilar em preâmbulo ao povo, e tendo a mesma junta feito algumas demarcações junto do governo nesse sentido? Seria uma grande utilidade para o povo! E há mais e muito mais a fazer, mas não merece a pena enfadar mais.

Outro assunto.

A crise de trabalho é aqui bem sentida. Apesar de ser aqui quase desconhecida a baixa de preços dos gêneros de primeira necessidade, os senhores proprietários tem reduzido os salários aos trabalhadores e abstendo-se de dar trabalho.

Para boa elucidação dos leitores do nosso jornal, aqui fica dito as moralidades desses senhores da terra que dizem ser a felicidade desta pobre gente. Pois esses talas são donos e possuidores dum Moagem, que só trabalha quando eles muito bem lhes apraz.

Pois estes nossos amigos, repito, em virtude de a farinha ter baixado por toda a parte, resolvem também diminuir \$20 em quilo. Por este simples motivo, chegaram-se aos seus trabalhadores e baixaram-lhe \$200 em cada dia de trabalho, isto é, ganham 12\$00, passaram a perecer 10\$00, concludendo-se, por conseguinte que ficaram roubados em 12\$00 por semana.

1. Façam os camaradas o comentário que entenderem.

2. Mais, vosso e da causa—Francisco António Candeias (trabalhador rural).

**Autoridades ao serviço do capital**

O sr. Manuel António Rego, agricultor e delegado do governo na Moita, fez publicar um edital proibindo que a praça dos trabalhadores se prolongasse até depois das 17 horas.

Esta medida, tomada a pretexto de evitar aos forasteiros que visitam aquela vila um espetáculo estranho e pouco decente, visa a defender os interesses dos agricultores.

No fundo, porém, trata-se, como se vê, dum violência que se pretende exercer sobre os trabalhadores. O prolongamento da praça até deshoras é provocado pelos agricultores ambiciosos que pretendem desta maneira forçar os rurais a alugar os braços por um jornal reduzido. Agora, com o aludido edital pretendem-se obrigar o trabalhador a ceder num curto prazo à ganância do lavrador.

No dia em que o referido edital se tornou público, às 17 horas, irrompeu pela praça infantaria e cavalaria da G. R., que mais uma vez ao serviço dos grandes, obri-  
gou os trabalhadores a dispersar, retirando-lhes a possibilidade de ganhar o pão naquele dia.

**A França e a Russia**

PARIS, 23—O representante dos soviets nesta cidade, sr. Krassine, e o governo francês assinaram um

## A educação moral na família

II

### A responsabilidade dos pais

#### A sugestibilidade das crianças ou o poder do exemplo

11 — Os pais devem elevar a sua vida moral para elevarem a dos filhos

Já devem ter notado que todos se quemam complacentemente da dureza dos tempos, e que poucas pessoas se queixam da própria educação, dos próprios defeitos e hábitos.

O egoísmo, o amor-próprio, a presunção impedem que a nossa reflexão se exerça.

Não só nos dispensamos de fazer o nosso exame de consciência com coragem, mas consideramo-nos, se não perfeitos, pelo menos à altura das circunstâncias.

Este orgulho obstinado e, muitas vezes, estúpido, revela-se em palavras como estas:

«Eu sou como sou, e não mudarei; aqueles a quem não agrada não têm mais do que passar de largo!»

Há, com efeito, bem poucos homens e mulheres adultos, e, portanto, também poucos pais e mães capazes de constatar que têm interesse em se transformar voluntariamente.

Quere isto dizer que não se conhecem?

De modo nenhum. Conhecem-se, a seu modo, segundo as suas próprias fraquezas, conhecendo-se, segundo os seus defeitos predominantes, e olham-se interiormente com uma atenção, uma reflexão falseadas pela vaidade, pela tolemaia e pelo que tam impõeimamente se tem chamado o *respeito humano*.

E esta inaptidão do pai e da mãe para se observarem, cria um ilusão dos pais.

Não se conhecendo, não podendo, não querendo ou não ousando conhecer-se, elas não conhecem os filhos.

Estas crianças com quem ralhamos quando nos estorvam ou aborreçem, admiramo-las para nos admirarmos a nós.

São espelhos vivos onde nos comprazemos a contemplarmo-nos.

Se geralmente conservamos, a respeito das crianças, alguma lucidez sobre o seu estado de saúde, a maior parte das vezes somos cegos sobre a sua mediocridade moral e a sua indigência intelectual.

A inação manifesta-se também no exagero de qualidades inatas que, sendo medianas e vulgares, são totalmente classificadas de notáveis, extraordinárias e prodigiosas. Os pontos de comparação têm faltado. E quando a criança, essa criança tam «esperta», tam inteligente, tam espirituosa está na escola a par de pequenos condiscípulos entre os quais faz uma figura triste ou inferior, seria preciso renunciar às pretensões. Mas recusamo-nos a isso algumas vezes porque a ilusão é vivaz, e atribuímos então a culpa ao professor, à professora *injustos* ou *incompetentes*.

### EM ESPANHA

## Escorraçado de Tetuão, Primo de Rivera foge para Larache

O infeliz exército espanhol que há pouco tempo teve que evacuar o território Djebelas, entre Chechauen e Tetuão, teve agora que recuar para a rectangular da lama que passa pelo sul desta última cidade.

Primo de Rivera, no entanto, afirma que a situação está estabilizada e que já não há nenhum perigo que a ameace.

Os jornalistas continuam a obter entrevistas optimistas. Assim, por exemplo, há dias, telegrafou à «United Press» para afirmar categoricamente que a tranquilidade era absoluta em Tetuão. Segundo o que ele diz, os combates circulam regularmente entre aquela cidade e Ceuta.

Ora não disto é verdade. Ainda há pouco tempo o Directorio pagou às tribus alguns milhares de pesetas por semana para que permitissem que o correio circulasse entre Tanger e Tetuão, mas desde esse momento, rebotou a revolta dos Andujeres e a segurança das estradas do norte e do oeste ficou seriamente comprometida.

Se vamos a acreditar no que dizem os jornais ingleses, Primo de Rivera está disposto a negociar com os Djebolas para atacar os Andujeres.

Estes últimos, que ocupam uma região particularmente montanhosa, naturalmente não se deixarão bater com facilidade.

Um jornal inglês diz que eles possuem 150.000 espingardas e que estão preparados para fazer face a 20.000 espanhóis que avançam contra eles.

A situação é tão precária em Tetuão que se sabe que Primo de Rivera está preparando tudo para deixar esta cidade e para instalar em Larache, cuja posição é muito exécrável em comparação à zona de operações.

## UM BRADO

### Que os anti-clericais atentem no que se passa no distrito da Guarda!

Venho denunciar aos leitores de *A Batalha* o perigo enorme em que estão as ideias liberais e as de emancipação humana perante os manejos da reação clerical e à esse respeito fazer algumas considerações.

Com efeito. Se não nos apressarmos, todos os revolucionários sociais, os anti-clericais de todos os matizes, a combater o mal que se ergue, perderejmos, dentro de pouco tempo, o que temos ganho em anos e anos de propaganda intensa e séria.

O padre, o padre jesuíta volta a usar dos seus extremos processos, pondo em prática a sua propaganda descarada e férrea de outros tempos. A Companhia de Jesus está-se reorganizando e vai estendendo já por toda a parte os seus tentáculos longos e pegajosos, que enleiam e prendem como os do polvo traíçoeiro que Vitor Hugo nos descreve.

E uma actividade louca, aqui, e estou convencido que por todo o país. Examinem os antigos processos terríveis, usados profundamente bestializadores e todo o arsenal de armas dizimadoras das consciências saí à luz do dia e à luz da noite, como outrora — os sermões jesuítas; as novenas nocturnas; o culto dos santos mais esquecidos, cujas imagens horríveis, feitas a machado no tempo de D. João V, são lavadas e pintadas de novo; o culto dos mortos, para as famílias enlutadas; o culto de «Nossa Senhora» para as velhas e soldartadas; o culto do «Senhor do Calvário», do «Senhor dos Afilhos», do «Mártir São Sebastião», de «Santo Antônio», para as solteironas e meninas histéricas; o culto do «Menino Jesus», para as crianças.

Aqui as cerimónias e rezas nas igrejas não têm fim. Recentemente o bispo fez uma visita pelas aldeias, e a ceifa das consciências, para esmagar e triturar no moinho da educação e ignorância, que são o pão do poder eclesiástico, foi terrível, foi destravador. Como uma tempestade, um terramoto.

Foi a Bouça Cova, à Gonçalo, a São Paio, escolhendo de preferência as terras menos beatas. Eis o que um amigo nos conta de que se deu em São Paio, que é o que se dá, podeis estar certos disso, em todas as terras por onde passa a ave negra e agorista:

«Esteve cá o bispo cinco dias, e confessou com a mágoa própria dum espírito liberal, que nunca vi a nossa igreja tan concorrida. Durante cinco dias que cá esteve não abandonou a igreja, nem de dia nem de noite. Ao badalo dos sinos estava agarado constantemente algum parvo alegre, que não aspirava senão a sacrifício, enquanto que o bispo, rodeado dos seus acólitos, dentro da igreja proferia as maiores monstruosidades, entre elas as seguintes:

«Que o Casamento Civil não tem validade absolutamente alguma;

«Que as criaturas nesse estado eram consideradas amancebadas;

«Que quem não era casado católicamente não podia ser honesto nem honrado.

«Os casamentos feitos por teu tio — meu tio — é padre pensionista e republicano — desde 1912 para cá, foram considerados nulos pelo bispo, aproveitando este o ensejo para pedir que fossem casar-se novamente as criaturas que teu tio tinha casado desde a referida data para cá!»

«Não calculas como era irrisório ver alguns correr, como carneiros, para a igreja, a fim de casarem novamente.

«Chegaram mesmo alguns a justificar as discordâncias que têm constantemente com suas mulheres com o facto de serem casados por teu tio, esquecendo esses parvos, que é sempre com o óbre cheio de vinho que vão barafustar para casa.

«Bispo e comparsaria que o rodeava, com as suas chôchias teorias, desrespeitavam por vezes as instituições republicanas, e às crianças diziam que para irem para a igreja não necessitavam da autorização de seus pais. A estes pediam que mandassem seus filhos para a igreja, em vez de os mandarem para a escola, porque ali lhes ensinavam a doutrina de Deus; na escola lhes davam a ler livros do diabo!»

Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

«Finalmente, meu caro Mário, tive conhecimento de tanta irregularidade que não pude conter-me sem levantar o meu véu.

## MARCOS POSTAL

Chaves - Associação dos Rurais - Diário e pugilato.  
mento pagos até 8 de Fevereiro.  
Valongo - A. F. - Os livros importam em 44500 que pode enviar em carta registrada. Querendo que seja pelo correio custa mais 500.  
Porto do Varilim - Agente - Recebemos liquidação.

Agenda de A BATALHA

## CALENDÁRIO DE DEZEMBRO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	5	12	19	26	Aparece às 7,53
D.	6	13	20	27	Desaparece às 17,20
T.	7	14	21	28	FASES DA LUA
S.	8	15	22	29	Q. C. dia 23 9,10
T.	9	16	23	30	Q. M. dia 24 10,11
Q.	10	17	24	31	L. N. dia 25 11,00

## MARES DE HOJE

Franamar às 0,56 e às 1,22

Baixamar às 6,26 e às 6,50

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Inglaterra, 90 dias de vista	98,00	100,00
Londres cheque	99,00	100,00
Paris	121,13	121,15
Suíça	4,00	4,13
Bélgica	1,00	1,00
Itália	1,00	1,00
Holanda	1,00	1,00
Madri	1,00	1,00
New York	21,50	21,55
Brasil	2,40	2,40
Noruega	3,00	3,00
Suecia	2,60	2,75
Dinamarca	2,40	2,40
Praga	2,40	2,40
Buenos Aires	8,00	8,35
Viena (1000 coroas)	8,00	8,35
Rentmarch euro	5,00	5,30
Agio do euro	2,40	2,60
Líbano euro	11,00	11,80

## ESPECTÁCULOS

## TEATROS

Teatro Carlos - A's 21,30 - Madame Flirt.  
Teatro Batalha - A's 21 - A Dança das Libélulas.  
Teatro Nacional - A's 21 - O Desjez.  
Teatro Politeama - A's 21 - E preciso viver.  
Teatro Trindade - A's 21,25 - Idade de Amor.  
Teatro Afonso - A's 21,25 - A Menina do Chocolate.  
Teatro Apollo - A's 21,15 - Grande Noite.  
Teatro Eden - A's 21,30 - O Bôlo Rei.  
Teatro Maria Vitoria - A's 20,30 e 22,30 - As Onze Mil Virgens.  
Teatro Coliseu dos Recreios - A's 21 - Companhia de circo.  
Teatro São João - A's 20,30 - Variedades.  
Teatro São Vicente (à Graça) - A's 21 - O Cabo Simões.  
Teatro São Luís - Todas as noites - Concertos e divertimentos.

## CINEMAS

Olimpia - Chiado Terrasse - Salão Central - Cinema Condes - Salão Ideal - Salão Lisboa - Sociedade Promotora de Educação Popular - Cine Pátria - Cine Esperança - Chantecaille - Tivoli.

## MALAS POSTAIS

Pelo saque «Justin» são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Pára e Manaus, sendo da Caixa Geral a última tiragem das correspondências registradas às 11 h. e das ordinárias às 13 h. Também pelo porto de Mocambique se expedem malas de correio para Dakar, Bruxelas e Argentina.

## LOTAÇÃO DO NATAL

Números mais pronunciados do jogo de azar legalizado, que entram se efectuam:

2566 . . . . .	3.000.000\$00
12343 . . . . .	1.000.000\$00
4428 . . . . .	300.000\$00
12889 . . . . .	200.000\$00
9815 . . . . .	100.000\$00
120 . . . . .	10.000\$00
1250 . . . . .	10.000\$00
1291 . . . . .	10.000\$00
2443 . . . . .	10.000\$00
3068 . . . . .	10.000\$00
4078 . . . . .	10.000\$00
7226 . . . . .	10.000\$00
9825 . . . . .	10.000\$00
12612 . . . . .	10.000\$00
12725 . . . . .	10.000\$00

## Dentes artificiais

## Importação directa

Muito mais baratos, colocados à apura e mastigação, sem despesa de extração e consulta

BERNARDINO NUNES

Rua da Palma, 40, 1.º



## PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metálico Auer, assim como rodas ócias e mecas, tubos, molas, chaminés de ferro e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 5 e quiosque.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Letta

E a casa que fornece em melhores condições.

FÁBRICA de drilhos, mosaicos, azulejos, cimento GOARMON & C. Travessa do Corpo Santo, 17 a 19 - TELEF. C. 1244 - LISBOA

24-12-1924

— Que perigo;  
— Não foges tu em consequência da aproximação destes piratas?  
— Eu não fui, regresso a Paris para abraçar minha mulher e minha filha; isso parecer-me há tanto mais agradável, que não esperava vê-las antes de amanhã à noite; depois consultarei os meus colegas?

— Que colegas?  
— Ora essa! os decanos das corporações da cidadade de Paris: os ferreiros, os carpinteiros, os armeiros, os tecelões, os correeiros, os canteiros e outros.

— E o fim desse conselho é organizar a defesa de Paris contra os piratas... Glória aos cidadãos! eu usufino-me de contar na minha cidade homens tão valerosos! — E voltando-se alegre para o abade: — Fortunato, tu não ouves este honrado homem?

— A bênção do céu desça sobre ele e os seus, respondeu maquinamente o abade, aniquilado de esparto. Bemaventurados sejam aqueles que defendem a Igreja e os senhores; todos os seus pecados lhes serão remidos.

— Ah! exclamou Roth-berto designando Eidiol com um gesto, à frente de tais homens sente-se que a gente se torna invencível!

— Comtudo, replicou o velho, esta manhã tu ordenavas aos teus cavaleiros que me quebrassem as suas lanças nas costas.

Roth-berto mordeu os labios, enrugou os sobrolhos, e respondeu cheio de confusão: — Deves desculpar um movimento de vivacidade.

— As tuas glorificações actuais fazem um singular contraste com as insolências que me dirigiste esta manhã!

— Fortunato, replicou o conde reprimindo o seu despeito e dirigindo-se ao abade, o velho gosta de graçar; seria melhor porém ter escolhido outra ocasião; e preciso correr às armas e deixar de zombar, quando esses malditos northmardos nos ameaçam!

— Oh! não são tão malditos como se diz, replicou

## Sais DERMOKA

O melhor contra todas as dores e males dos pés.

INCHAÇO  
ENTORPECIMENTO  
QUEIMADURAS  
CALOS  
FRIEIRAS  
BOLHAS AGUA  
TRANSPираÇÃO  
OREZAS  
COMICHAO

## FOTOGRAVURA TRICROMIA ZINCOGRAFIA DESENHO

GRANDE PREMIO RIO DE JANEIRO 1908  
GRANDE PREMIO E MEDALHA DE OURO LISBOA 1913  
PREMIO DE HONRA LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECHANICA

Largo do Conde Barão. 49 LISBOA

TELEFONE 2554

## LIVRARIA RENASCENCA

Obra literária, científicas, profissionais e artísticas dos autores portugueses e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos, cartilhos e livros de escrituração, mapas de escrituração, mapas de descarga de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunais, Juventudes, etc.

Grande sortimento em material escolar, artigos de papelaria e escritório, sempre aos preços mais baixos do mercado.

GRANDE PREMIO "REUMATINA"  
24 horas depois não tem mais dores

Preço \$8,00  
"Reumatina"  
Vende-se em todas as boas farmácias e drogarias

ROSSIO, 93, 1.º andar

Esquina da rua do Amparo (Não tem lojas)

Estos sem prezo - TELEFONE N. 4663

## benhas de sôbro e azinho

SÉCAS, postas à porta do freguês a 19 centavos o quilo. Pinas, cubos para carroças, mapas para calceteiros. Pedidos a António F. da Cruz, largo do Conde Barão, 40. - Telef. C. 1245.

Caixa 10\$00  
Depósito Geral:  
A. Costa Coelho  
Bomjardim, 440 - PORTO

Trabalhadores: Leda A BATALHA

## Mais um artístico selo de propaganda para sair com a remodelação de A BATALHA

## CARTA COM 100 SELOS UM ESCUDO

## Mistérios do Povo

JÁ SAÍU A 3.ª SÉRIE

10 TOMOS - 5\$00

— sorriu Eidiol. Graças aos northmardos, tu lisongeias o meu amor próprio esta noite.

— Treguas de zombaria, velho! exclamou Roth-berto, voltando mau grado seu ao carácter alto e violento que o dominava.

— Duas palavras sómente, conde, e acabemos com isto; estou com pressa de ir abraçar minha filha, e minha mulher. Há perto de vinte e sete anos, ano de 885, que os northmardos, debaixo do comando de Hastings, hoje senhor do paço de Chartres, vieram pela quinta ou sexta vez sitiar Paris.

— Nessa ocasião, pelo menos, e foi a única, a plebe de Paris debaixo das ordens de Eudes, meu pai, resistiu corajosamente, e os piratas não devastaram a cidade; o mesmo sucederá hoje; porque eu juro por Deus! que por vontade ou por força, vilões! vosseis irão às barreiras.

— Escuta mais: Até esse ano de que falas, nunca Paris resistiu aos piratas; e porque, conde? Porque tanto o populacho como as corporações de artistas pouco se importaram com similhante coisa.

— Sim, sim, replicou Roth-berto com uma cólera concentrada, essa covarde plebe deixava saquear, devistar, incendiar igrejas, abadias e castelos!

Os northmardos não saqueiam senão os ricos. Carregariam eles os seus barcos com os nossos móveis toscos, com a nosso louça de barro, quando castelos, igrejas ou abadias estão bem fornecidas de vasos de ouro, de prata, e de riquezas de toda a espécie?... Por isso saqueiam os ricos; os ricos devem, portanto, tratar de se defender.

— Pela morte de Cristo! este velho é insensato! exclamou o conde de Paris. — Podemos nós defender-nos sem o auxílio do populacho? Porventura com dois mil homens, que eu posso no meu ducado de França, é que poderei repelir trinta mil northmardos?

— Oh! bem sei que tu não podes fazer nada sem o populacho; por isso que já te disse que há vinte e sete anos, meu pai, o conde Eudes, assustado pela proximidade dos piratas, quiz, assim como tu, no dia

## FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS

em boas fazendas de lá com bons forros desde 179\$00

IMPREMIUDES INGLESES com linto e rapuz, desde 179\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 40\$00

ABATIMENTOS PARA REVENDA

O CHAVES DO CONDE BARÃO

170, RUA DA BOAVISTA, 172

## Valério, Lopes &amp; Fer

# A BATALHA

## Crise de trabalho e baixa de salários

Uma prevenção da Federação do Ramo de Tanoaria aos sindicatos aderentes

Tendo a Federação do Ramo de Tanoaria conhecimento que vários industriais e exportadores do norte e sul, pretendem em breve reduzir os salários dos operários, a pretexto de que a vida baixou, e constatando esta Federação que tal baixa ainda não se faz sentir, tendo ainda em consideração que existindo em todas as localidades tabelas de preços de mão de obra, elaboradas pelas associações de operários e industriais das respectivas localidades, tais tabelas ainda não foram alteradas, nem o poderão ser, enquanto a baixa do custo de vida não o aconselhar, e portanto aconselha a todos os organismos aderentes que opõem uma tenaz resistência onde tais pretensões se manifestem, opondo-se por todos os modos ao seu alcance, à baixa de salários até que a Federação aconselhe a sua baixa ou alta conforme as circunstâncias.

### As resoluções do Sindicato dos Carrageiros de Lisboa

Reuniu a assemblea geral do Sindicato dos Operários Carrageiros que apreciou a crise que lava, neste classe, tendo resolvido abrir desde já uma inscrição para os desempregados, ratificando também a sua confiança à comissão que vem tratando deste assunto, esperando que ela lhe vai prestando a mesma inteligência.

### A crise no Beato e Olivais

Reuniu o Sindicato dos Taneiros, ao Póco do Bispo, os delegados deste organismo, Corticeiros, Condutores de Carruças, Serradores Mecânicos na Indústria de Tanoaria, Metalúrgicos e Trabalhadores de Armazéns de Vinhos que, depois de apreciarem a forma mais conveniente para levar a efeito uma sessão pública na área do Beato e Olivais, resolveram nomear uma comissão para levar a efeito a dita sessão no próximo dia 4, em local que previamente se anunciará.

### A Federação do Ramo de Tanoaria ocupa-se da crise

Reuniu o conselho federal da Federação de Tanoaria e Anexos, tendo presidido o delegado dos Taneiros do Porto, secretariado pelos delegados dos Taneiros de Almada e Trabalhadores de Armazéns de Vinhos do Porto.

Apos ter tomado conhecimento do respeitável expediente e dar-lhe despacho, entrou na ordem dos trabalhos, pela apreciação da crise de trabalho que lava com intensidade nas indústrias de tanoaria e vinícola (inter-dependentes), tendo resolvido continuar com as "démarches" junto do governo para solucionar a crise, e terminar em todo o país com o trabalho por empregada a partir de 1 de fevereiro do ano próximo, assim como também fazer cumprir o horário de trabalho e regular o acesso da aprendizagem na indústria, para o que se vão dar instruções complementares a todos os sindicatos da especialidade.

### O operariado de Coimbra, numa importante sessão, toma resoluções sobre a crise e carência da vida

COIMBRA, 22.—Conforme já anunciado, teve realização hoje, pelas 13,30 horas, na casa dos trabalhadores, uma sessão de protesto contra a crise de trabalho, baixa de salário e carestia da vida, promovida pelo Comité de Propaganda Confederal de Coimbra.

Presidente Adolfo de Freitas e secretariado Eliseu das Neves e José Constantino.

Expostas as razões que motivaram a reunião, a crise de trabalho é censurado o facto de o proletariado não ter correspondido como seria para desejar, sabendo-se que ali seria tratado o mais difícil dos problemas que afectam neste momento a vida dos trabalhadores, o presidente dá a palavra a José Gonçalves, da Federação Metalúrgica.

Este delegado em breves e energicas palavras refere-se ao que o proletariado deve fazer neste momento, organizando-se, pois só assim poderá defender-se e agir em prol da família trabalhadora.

Refere-se também à necessidade do homem pela educação preparar a mulher para ser sua boa companheira e compreender a razão da luta em que todos os trabalhadores se entrem em sua defesa e de todos os que sofrerem as desigualdades sociais.

Depois, cita o facto de o pão ser mais barato em Lisboa, e a razão porque o mesmo gênero em Coimbra e outras terras é mais caro; a da indiferença e apatia ante os sindicatos operários.

Por último, refere-se à infame condenação feita em Coimbra a Manuel Ramos.

Seguidamente é dada a palavra a Francisco Viana, da C. G. T.

Depois de explicar que o seu sindicato está pronto a ajudar o movimento encetado pelo Comité de P. Confederal, mormente na questão de momento é a mais importante, a questão do pão, tem palavras cheias de incentivo para toda a assistência, fazendo ver a necessidade de todos os trabalhadores se organizarem sindicalmente.

Finalmente—diz—queremos ali registrar, que o sindicato que representa não foge às responsabilidades do momento é que nada há que o separe dos desejos e aspirações dos outros sindicatos operários, defendendo também a criação do imposto sobre as fumadas feitas após a guerra.

Depois, fala José A. Pais, do sindicato de manufaturadores de calçado, couros e peles, agora em organização, salientando que só os operários dentro do sindicalismo, conseguiram a sua emancipação.

Nada de políticos—o sindicalismo é que há de redimir os trabalhadores, exclama Afonso Pais!

União entre todos os trabalhadores e estes dentro da C. G. T. é o preciso!

Em seguida, usa da palavra Francisco Viana, da C. G. T.

Começa por lamentar o alheamento dos trabalhadores de Coimbra pela questão social e, consequentemente, pelos seus próprios interesses.

Assim, faz um paralelo entre o preço de pão das diferentes terras do país, mostrando que em Lisboa, porque o proletariado sabe reivindicar, o mesmo é mais barato, como de resto todos os outros artigos. Porém,

### O SINDICALISMO EM MARCHA

#### O Sindicato dos Manipuladores de Pão de Coimbra dá a sua adesão à C. G. T.

COIMBRA, 22.—Com regular concorrência reuniram ontem, pelas 17 horas, na sede do seu sindicato, a classe dos operários manipuladores de pão desta cidade.

A ordem dos trabalhos era a seguinte: adesão à C. G. T.; a conferência dos militantes da indústria, o primeiro congresso da classe e a constituição da Federação; e, o preço do pão e a higiene dos estabelecimentos onde o mesmo é vendido.

Presidente Mário M. Moreira, secretariando Custódio da Rosa e João P. Leiria.

Em primeiro lugar falou Manuel de Almeida que fazendo uma ligeira análise à classe e as suas necessidades de organização, defendeu com calor a adesão do sindicato à C. G. T., assim como também se referiu à conferência de militantes da indústria que urge realizar para bem da classe em geral e de toda a organização operária.

Na mesma ordem de ideias falaram também Custódio da Rosa, João P. Leiria e José da Silva Cabo, defendendo todos que a adesão fosse um facto, pois só com toda a família operária integrada na Confederação Geral do Trabalho, será possível a emancipação dos trabalhadores.

Protestar e não consentir na redução de dias de trabalho; Defender-se e agir por forma a que o salário permaneça inalterável—indo até, quando o mesmo não faça frente às necessidades da vida; reclamar aumento, acompanhando tanto quanto possível os salários mais altos, para satisfação das mesmas necessidades; Defender o princípio das 8 horas de trabalho ou até menos, se as circunstâncias aconselharem—por forma a que todos os trabalhadores possam ocupar os seus braços, ganhando assim o indispensável para seu sustento; Saídos o jornal operário "A Batalha", sindicatos operários, Federações de indústria e C. G. T., prometendo auxiliar estes organismos na defesa dos interesses dos trabalhadores.

A segunda moção conclui assim: Protes-

tar-se contra o facto das leis que beneficiam as classes operárias—e táticas produtoras—não terem execução igual em todo o país; Reclamar de quem de direito o cumprimento integral das referidas leis; Que este estabelecer-se o preço de pão em Coimbra tal qual como em Lisboa ou mais barato se possível—for o mesmo seja pesado e vendido em pés de 250, 500 e 1000 gramas.

E mais ésta adição: Protestar contra a venda de pão em lugares impróprios; exigir a sua venda nas fábricas ou depósitos higienicamente e convenientemente preparados; dar conhecimento destas resoluções; as autoridades locais e delegado de saúde

Por fim foi resolvido realizar no domingo uma nova sessão pelas 14 horas da tarde, na Casa dos Trabalhadores. —C.

### O indiferentismo do operariado da Cova da Piedade

COVA DA PIEDADE, 22.—A crise de trabalho nesta localidade vai, todavia, provocar algumas assustadoras.

A crise, com todas as suas trágicas consequências, vai tornando muito crítica a situação do operariado, que se agrava com a indeferência da sua organização de classe. Se exceptuarmos os fabricantes de calçado e rurais e os restantes trabalhadores parece não sentirem todo o perigo desta situação.

Todavia o custo da vida mantém-se inalterável, excepto a alguns artigos e ao pão, que sofreu uma redução de \$10 em quilo.

Por consequência à redução dos salários e dos dias de trabalho só uma organização competente pode responder. —C.

### Os marítimos de Cezimbra em face da pretensão dos armadores

CEZIMBRA, 23.—Com a presença de dois representantes da Federação Marítima realizou-se ontem no sindicato dos marítimos uma grande reunião magna dos pescadores onde estes se fizeram representar na sua máxima totalidade. Esta reunião teve por fim tratar dum presumível baixa de salários por parte dos armadores aos pescadores, que ameaça ser levada a efeito no princípio do ano quando se fizerem as primeiras matrículas.

O presidente da Cova da Piedade, que é o principal motivo—diz—que levou a Federação Rural a mandar a Extremoz o seu delegado, porque nesta vila a organização de classe dos rurais impõe-se para a luta a desenvolver.

Jeronimo de Sousa, que representava a C. G. T., faz judiciosas considerações sobre o valor do sindicalismo revolucionário.

Pondo em equação a combatividade das classes organizadas e as que não possuem organização, prova que os trabalhadores quando isolados, sem defesa colectiva, nunca conseguem impôr-se por falta de homogeneidade, afirmando-se as primeiras de seu valor.

A assemblea aceitou como boa a doutrina exposta pelos delegados estabelecendo criar o Sindicato dos Rurais de Extremoz, tendo sido nomeada a comissão organizadora, que ficou composta por cinco trabalhadores rurais.

Logo que tal batalha constou a Federação apressou-se a enviar aqui os seus delegados, no sentido de preparar esses trabalhadores a estar de atalaia para o que possa advir, fazendo a barreira necessária para que esse manejo dos armadores não surtam os efeitos desejados.

Depois do presidente ter aberto a sessão e dado algumas explicações à assemblea, foi dada a palavra a Eduardo de Aguiar que com palavras claras e precisas exortou a classe a estar atenta e vigilante contra os manejos dos armadores.

Referindo-se ao último movimento grevístico encetado pela classe e os sacrifícios que os pescadores fizeram para a levar até o ponto que chegou, diz que uma nova tática se terá no futuro de adoptar para que os resultados a obter sejam mais eficazes e profícios.

Exorta assim todos os marítimos a ingressarem dentro do Sindicato, porquanto a sua Federação o não desampará em tódas as vicissitudes que possam surgir.

Salvador Lamego comece por saudar a classe que reconhece há muito ser uma das marítimas que têm sabido cumprir com os seus deveres.

Assim, sendo os pescadores a alma desta terra, visto que é da sua produção que lhe advêm o seu engrandecimento; eles têm também o dever de exigir o seu respeito pelos direitos, nas suas regalias conquistadas. Está certo de que os armadores "não se arrepiarão a roubar-lhes o pouco que hoje auferem, pois que não há motivo algum que isso justifique, mas diz se tal se verificarasse os pescadores de Cezimbra não se encontrariam sós, mas sim também acompanhados da restante família marítima.

Refere-se em seguida a métodos de organização, pelo quais se devem guiar os trabalhadores, é aconselhado os presentes a sempre que sejam convidados a vir às reuniões do seu sindicato às mesmas acorrer a sua máxima força.

Começa por lamentar o alheamento dos trabalhadores de Coimbra pela questão social e, consequentemente, pelos seus próprios interesses.

Assim, faz um paralelo entre o preço de pão das diferentes terras do país, mostrando que em Lisboa, porque o proletariado sabe reivindicar, o mesmo é mais barato, como de resto todos os outros artigos. Porém,

para tal se conseguir, é preciso que o proletariado entre na verdadeira vida revolucionária, de acção directa, se quiser defender-se da exploração e tiranía que está sofrendo.

Termina pedindo para que todos os trabalhadores se organizem e saibam actuar por forma a modificar este regime, pois que enquanto ele subsistir haverá sempre exploração e violência sobre os únicos, que de facto, por serem produtores, têm direito a vida.

Como não se encontrasse presente mais nenhum delegado de sindicato operário e tendo pedido a palavra o sr. David Aguiar, funcionário público e director do jornal anti-religioso "Meteor", foi-lhe concedida começando este senhor por afirmar que a responsabilidade da vida estar como se está vendo, cabe quase exclusivamente ao próprio proletariado que tem descido os seus interesses e votado em verdadeiros ladrões que o exploram. Refere-se à tática adoptada pelas classes operárias nas suas reivindicações assim como ao horário de trabalho.

Por último, o presidente assim como o secretariado Custódio da Rosa e João P. Leiria.

Em primeiro lugar falou Manuel de Almeida que fazendo uma ligeira análise à classe e as suas necessidades de organização, defendeu com calor a adesão do sindicato à C. G. T., assim como também se referiu à conferência de militantes da indústria que urge realizar para bem da classe em geral e de toda a organização operária.

Na mesma ordem de ideias falaram também Custódio da Rosa, João P. Leiria e José da Silva Cabo, defendendo todos que a adesão fosse um facto, pois só com toda a família operária integrada na Confederação Geral do Trabalho, será possível a emancipação dos trabalhadores.

Protestar e não consentir na redução de dias de trabalho; Defender o cumprimento integral das referidas leis; Que este estabelecer-se o preço de pão em Coimbra tal qual como em Lisboa ou mais barato se possível—for o mesmo seja pesado e vendido em pés de 250, 500 e 1000 gramas.

E mais ésta adição: Protestar contra a venda de pão em lugares impróprios;

exigir a sua venda nas fábricas ou depósitos higienicamente e convenientemente preparados; dar conhecimento destas resoluções;

as autoridades locais e delegado de saúde

Por fim foi resolvido realizar no domingo uma nova sessão pelas 14 horas da tarde, na Casa dos Trabalhadores. —C.

Por último, o presidente assim como o secretariado Custódio da Rosa e João P. Leiria.

Em primeiro lugar falou Manuel de Almeida que fazendo uma ligeira análise à classe e as suas necessidades de organização, defendeu com calor a adesão do sindicato à C. G. T., assim como também se referiu à conferência de militantes da indústria que urge realizar para bem da classe em geral e de toda a organização operária.

Na mesma ordem de ideias falaram também Custódio da Rosa, João P. Leiria e José da Silva Cabo, defendendo todos que a adesão fosse um facto, pois só com toda a família operária integrada na Confederação Geral do Trabalho, será possível a emancipação dos trabalhadores.

Protestar e não consentir na redução de dias de trabalho; Defender o cumprimento integral das referidas leis; Que este estabelecer-se o preço de pão em Coimbra tal qual como em Lisboa ou mais barato se possível—for o mesmo seja pesado e vendido em pés de 250, 500 e 1000 gramas.

E mais ésta adição: Protestar contra a venda de pão em lugares impróprios;

exigir a sua venda nas fábricas ou depósitos higienicamente e convenientemente preparados; dar conhecimento destas resoluções;

as autoridades locais e delegado de saúde

Por fim foi resolvido realizar no domingo uma nova sessão pelas 14 horas da tarde, na Casa dos Trabalhadores. —C.

Por último, o presidente assim como o secretariado Custódio da Rosa e João P. Leiria.

Em primeiro lugar falou Manuel de Almeida que fazendo uma ligeira análise à classe e as suas necessidades de organização, defendeu com calor a adesão do sindicato à C. G. T., assim como também se referiu à conferência de militantes da indústria que urge realizar para bem da classe em geral e de toda a organização operária.

Na mesma ordem de ideias falaram também Custódio da Rosa, João P. Leiria e José da Silva Cabo, defendendo todos que a adesão fosse um facto, pois só com toda a família operária integrada na Confederação Geral do Trabalho, será possível a emancipação dos trabalhadores.

Protestar e não consentir na redução de dias de trabalho; Defender o cumprimento integral das referidas leis; Que este estabelecer-se o preço de pão em Coimbra tal qual como em Lisboa ou mais barato se possível—for o mesmo seja pesado e vendido em pés de 250, 500 e 1000 gramas.

E mais ésta adição: Protestar contra a venda de pão em lugares impróprios;

exigir a sua venda nas fábricas ou depósitos higienicamente e convenientemente preparados; dar conhecimento destas resoluções;

as autoridades locais e delegado de saúde

Por fim foi resolvido realizar no domingo uma nova sessão pelas 14 horas da tarde, na Casa dos Trabalhadores. —C.

Por último, o presidente assim como o secretariado Custódio da Rosa e João P. Leiria.

Em primeiro lugar falou Manuel de Almeida que fazendo uma l